



IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE
III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia
26 a 29 de outubro de 2009 - PUCPR

A EDUCAÇÃO EM SANTO AGOSTINHO: PROCESSO DE INTERIORIZAÇÃO NA BUSCA PELO CONHECIMENTO

SOUZA, Mariana Rossetto – UEM
mari.rossetto@hotmail.com

PEREIRA MELO, José Joaquim – UEM
jipmelo@hotmail.com

Eixo Temático: História da Educação

Agência Financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Resumo

O presente trabalho tem como tema central o estudo do processo de interiorização proposto por Santo Agostinho para que o homem pudesse chegar ao verdadeiro conhecimento. A busca por esse entendimento justifica-se quando se tem em vista a importância de Santo Agostinho, que foi um dos maiores responsáveis pelas concepções educacionais não só de seu tempo, mas também da Idade Média, sendo que sua influência chega até os dias de hoje. Para realizar tal estudo, as principais fontes agostinianas utilizadas foram: *A Trindade, A verdadeira religião, Confissões, O livre-arbítrio, O mestre, Sobre a potencialidade da alma e Solilóquios*. Além delas, também foram utilizadas reflexões de alguns comentadores agostinianos, dentre os quais Etienne Gilson. Primeiramente, foi feita uma breve contextualização, que possibilitou a compreensão da motivação de Santo Agostinho em apontar caminhos para o homem de seu tempo, visando formá-lo de acordo com os princípios cristãos. Em seguida, foi apresentada uma breve biografia de Santo Agostinho, já que sua vida exerceu influência significativa em sua obra. A proposta de interiorização agostiniana foi feita a partir da sua concepção da fragilidade do corpo. Ele acreditava que, ao buscar o conhecimento na matéria, o homem se desviava do que lhe garantiria a verdadeira felicidade, ou seja, Deus. Para que pudesse encontrar a Verdade, era preciso que o homem deixasse de lado sua materialidade e se voltasse para seu interior, pois era ali, em sua alma, que o verdadeiro conhecimento se encontrava, possibilitado pela iluminação divina. Nesse processo, Cristo era considerado o verdadeiro Mestre, de modo que os mestres terrenos tinham a função de estimular seus discípulos a buscarem a Verdade em seu interior.

Palavras-chave: Santo Agostinho. Corpo. Alma. Educação. Interiorização.

Introdução

Este artigo possui o objetivo principal de compreender o processo de interiorização proposto por Santo Agostinho na busca pelo verdadeiro conhecimento. Dessa maneira, será

possível compreender a importância dessa proposta na concepção agostiniana de educação. Tal estudo justifica-se quando se leva em conta a influência exercida por Santo Agostinho, que não ficou restrita ao seu tempo, já que perpassou a Idade Média e chega até a atualidade, de modo que ele ainda é considerado um dos maiores nomes do cristianismo.

Ao estudar a proposta educativa agostiniana, é necessário, em primeiro lugar, compreender o que o motivava a apontar caminhos ao homem daquele tempo. Santo Agostinho viveu em um período no qual o Ocidente Europeu encontrava-se em desorganização, em função da crise política, econômica e social que o Império Romano estava passando e das invasões bárbaras que estavam acontecendo, o que acarretou em sua dissolução. Em função disso, o homem encontrava-se em conflito e foi a Igreja que assumiu a direção desse homem e da sociedade, visando atender às suas necessidades.

Dentre os nomes desses primeiros séculos da Igreja, destaca-se Santo Agostinho. Aurelius Augustinus nasceu no dia 13 de novembro de 354 d.C. em Tagaste, na África, e morreu em Hipona, no dia 28 de agosto de 430. Estudou em Tagaste e Madaura, cidade vizinha para onde foi com 13 anos para estudar gramática. Foi a Cartago, graças a ajuda de Romaniano, um amigo da família, para estudar retórica, concluindo seus estudos superiores com 16 anos. Foi professor em Tagaste, Cartago, Roma e Milão. Buscando acalmar seu espírito inquieto, tornou-se adepto do maniqueísmo, religião fundada por Mani, baseada no dualismo bem x mal. Esta doutrina não conseguiu suprir todas as suas dúvidas e, por isso, ele se afastou dela e aproximou-se do ceticismo. A filosofia cética é pautada na dúvida e ela também não conseguiu satisfazê-lo. Após o contato com o bispo Ambrósio (340-397), com as leituras que realizou das cartas de Paulo Apóstolo, e também por influência do neoplatonismo, Santo Agostinho converteu-se ao cristianismo no ano de 386. Recebeu o batismo de Ambrósio no dia 24 de abril de 387 e tornou-se bispo de Hipona alguns anos mais tarde.

A compreensão da vida de Santo Agostinho é importante, tendo em vista a influência que ela exerceu em seu pensamento e em sua obra, já que a crença de que foi arrancado de uma vida pecaminosa com a ajuda de Deus contribuiu em suas afirmações acerca da necessidade da graça para que o homem pudesse se reerguer. Como considerava ter vivido os mais diversos pecados da carne, desconfiava da sensibilidade humana, pois conhecia a fragilidade do corpo. É a partir disso que propunha que o homem se afastasse de sua

materialidade e se voltasse para seu interior, para que pudesse encontrar o verdadeiro conhecimento e, com isso, a felicidade.

O homem enquanto unidade de corpo e alma

Na concepção agostiniana, o homem só pode ser considerado um homem total quando é constituído de uma alma que se encontra unida ao corpo, sendo que sem um desses elementos ele não pode assim ser chamado. O corpo, que representa a exterioridade do homem e garante sua visibilidade, é caracterizado como um elemento que sofre as alterações no tempo e ocupa lugar no espaço, por ter comprimento, largura e altura. Já a alma é definida por Santo Agostinho como “substância dotada de razão, apta a reger um corpo” (AGOSTINHO, 1997, p. 67). Ela possui, além das faculdades inferiores, as faculdades superiores, sendo considerada por ele como um elemento simples, uno, espiritual e imortal, que não possui extensão quantitativa nem qualitativa e que não se move no espaço, mas que está sujeito às mutações temporais.

Para Santo Agostinho, a alma deve estar presente no corpo, vivificando-o: “Porque, manifestamente, nós possuímos um corpo e também uma alma que anima o corpo e é causa de seu desenvolvimento” (AGOSTINHO, 1995, p. 92). A alma é considerada a beleza do corpo, do mesmo modo que Deus é a beleza da alma. Isso não significa dizer que o corpo, enquanto matéria, é concebido por Santo Agostinho como um elemento mal. Como a materialidade humana também é uma criação de Deus, e como tudo que é feito por Deus é visto como sendo bom, o corpo é considerado, assim como a alma, bom, apesar de ser inferior a ela. Dessa maneira, ele assume a condição de mal quando domina a alma e a degradação do homem era consequência da submissão de sua alma ao seu corpo: “Se a vida tende ao nada foi por se ter desviado – por uma defecção voluntária – de quem a criou, e de cujo ser desfrutava. Foi por querer – contra a lei divina – gozar dos seres corpóreos aos quais Deus a tinha colocado superior. Essa é a perversão” (AGOSTINHO, 1992, p. 54).

Por estar sujeito as misérias humanas, como a fome, o frio e as doenças, pode-se perceber que o corpo é caracterizado por Santo Agostinho como sendo mortal, condição adquirida a partir do pecado original cometido pelo primeiro homem: “Relativamente ao corpo humano, era ele excelente em seu gênero, antes do pecado. Depois, porém, tornou-se débil e destinado à morte” (AGOSTINHO, 1992, p. 60).

Para ele, de acordo com Stead (1999), o pecado é um abuso do livre-arbítrio, de modo que o homem escolhe bens inferiores – os prazeres corporais - ao invés de dar preferência aos bens superiores – os benefícios espirituais:

Por todos esses motivos, e outros semelhantes, pecamos quando, por propensão imoderada para os bens ínfimos, são abandonados os melhores e mais altos, como tu, Senhor, nosso Deus, tua verdade e tua lei. É verdade que também esses bens ínfimos têm seus deleites, porém, não como os de Deus, criador de todas as coisas, porque nele se deleita o justo, e nele acham suas delícias os retos de coração (AGOSTINHO, 2008, p. 57).

Assim sendo, o corpo humano, que não participa das verdades divinas, necessita de um intermediário entre ele e Deus: a alma. Por isso é que ele precisa ser vivificado por ela, sendo que, por possuir a Verdade em seu interior, a alma é que garante a perfeição do homem: “É evidente que nem tudo o que dentre as criaturas é semelhante a Deus pode-se denominar sua imagem, apenas o é a alma, à qual unicamente Deus lhe é superior. Só a alma é a expressão de Deus, pois natureza alguma se interpõe entre ela e ele” (AGOSTINHO, 1994, p. 349).

Por estar intimamente ligada às verdades divinas, carregando em si a Verdade suprema, que é indestrutível, a alma também não pode ser destruída, donde se garante sua imortalidade.

Como imagem de Deus, a alma é considerada mais importante que o corpo. A condição de inferioridade do corpo é dada em função de sua fragilidade, pois, por estar sujeito às tentações do mundo, ele é considerado o responsável pela fraqueza humana. Desse modo, a união entre eles deve ser tal que a alma controle o corpo e o espiritualize: “A alma, como podemos ver em todos os seres humanos, vivifica com sua presença este corpo terreno e mortal, ela o unifica, e o mantém organizado como corpo vivo, e não permite que se dissolva nos elementos de sua composição orgânica” (AGOSTINHO, 1997, p. 154).

Santo Agostinho acredita também que a alma, por ser superior ao corpo, é independente dele, ou seja, uma alteração no corpo não implica necessariamente uma alteração na alma. É a alma que atua sobre o corpo, pois está presente em todas as suas partes e percebe tudo o que acontece nele:

Nem deve parecer estranho que a alma, não sendo corpo, nem extensa por uma longitude, ou dilatada na latitude, ou sustentada pela altitude, tenha tanto poder sobre o corpo. E o tenha a ponto de mover todos os membros e órgãos do corpo, como um eixo-motor (cardo), determinando todas as ações corporais (AGOSTINHO, 1997, p. 69).

O corpo, nesse sentido, representa um instrumento pelo qual a alma age, pois não é ele que sente, mas sim a alma por meio dele:

R – Agora eu gostaria que me respondesse: na tua opinião, quem sente, o corpo ou a alma?

A – Parece-me que é a alma!

R – E achas que o entendimento pertence à alma?

A – Totalmente!

R – Somente à alma ou a algo mais?

A – Acho que a nenhuma outra coisa senão à alma, a não ser a Deus, em quem, creio, se situa o intelecto (AGOSTINHO, 1998, p. 60).

Neste entendimento, a sensação é vista como uma exploração que a alma realiza no corpo. Apesar de pressupor certas condições corporais, a sensação deve ser produzida pela alma, e não pelo corpo. Desse modo, para Santo Agostinho, a alma é um elemento ativo, de modo que quando os sentidos do homem são atingidos, ela percebe a mudança corporal e dirige sua atenção para os órgãos afetados, produzindo a sensação (BOEHNER, GILSON, 1970).

Quando o homem deixa-se levar pela sensibilidade de seu corpo, satisfazendo-se com os prazeres externos, deixa de buscar o que lhe garantiria a real felicidade, ou seja, os bens eternos, e não consegue sair do estado de decadência em que se encontra. Em face disto, o fim último do homem é conhecer a Deus e a alma representa um meio para se chegar a esse fim:

A – Fiz minha oração a Deus.

R – Então o que desejas saber?

A – Tudo o que pedi na oração.

R – Faze um breve resumo de tudo.

A – Desejo conhecer a Deus e a alma.

R – Nada mais?

A – Absolutamente nada (AGOSTINHO, 1998, p. 21).

Como a Verdade encontra-se na alma humana, é ela que liga o homem ao superior e é por meio dela que o homem pode chegar ao seu objetivo, ou seja, à contemplação de Deus,

Verdade suprema. Dessa maneira, a contemplação de Deus só é possibilitada se o homem se regenera, passando a atribuir maior importância à sua interioridade do que à sua materialidade, pois assim ele está apto para receber a iluminação divina e visualizar a Verdade. “Não que o corpo seja mal por natureza, mas porque é vergonhoso revolver-se no apego aos últimos bens, quando nos é permitido apegar-nos a bens mais altos e deles fruir” (AGOSTINHO, 1992, p. 119).

De acordo com Santo Agostinho, para que possa se reerguer, o homem não precisa se livrar de seu corpo, mas criar condições para que possa dominá-lo. Com o domínio da alma sobre o corpo, criam-se as condições ideais para o homem ir rumo ao processo formativo santificador, pois ele se afasta das coisas próprias do mundo e se volta para seu interior, o que lhe dá condições de encontrar a Verdade em sua alma, gozando da felicidade completa na contemplação de Deus:

Se durante a etapa de sua vida humana, a alma vence as cobiças com que se nutriu pelo gozo das coisas perecedoras, se ela crê que para as vencer Deus a ajuda com o socorro de sua graça, e se submete a ele, em espírito e de boa vontade, então, sem dúvida alguma, ela será regenerada. Da dissipação de tantas coisas transitórias, voltará ao Uno imutável (AGOSTINHO, 1992, p. 56).

A partir daí, a educação aparece em Santo Agostinho como um processo de interiorização, no qual o homem afasta-se de sua materialidade e tem condições de buscar o verdadeiro conhecimento, que se encontra em sua alma graças à iluminação divina.

A caminhada educativa: processo de interiorização

Santo Agostinho distingue duas possibilidades de conhecimento que o homem pode adquirir: o conhecimento das coisas sensíveis e o conhecimento das coisas inteligíveis. Os conhecimentos sensíveis são aqueles que provém dos sentidos, são levados à memória e organizados pelo indivíduo. Já os conhecimentos das chamadas coisas inteligíveis, que não são provenientes dos sentidos, como os juízos de valor, são percebidos pela mente por meio de uma reflexão interior realizada pelo homem. Os sentidos, nesse tipo de conhecimento, funcionam apenas como um meio de estimular o homem à auto-reflexão (RUBANO, MOROZ, 2001).

Na concepção agostiniana, as sensações dizem respeito às necessidades e estados do corpo ou às coisas exteriores. Pelo caráter instável desses elementos, não é possível apreendê-los, já que aparecem e desaparecem, não podendo ser considerados conhecimentos verdadeiros, pois estes exigem estabilidade e permanência. Em função disso, o conhecimento não é visto como a apreensão de objetos exteriores pela percepção, mas sim a descoberta de regras imutáveis, como os princípios matemáticos e éticos. Essas realidades, não sensíveis, são necessárias, imutáveis e eternas (GILSON, 2007).

Esse tipo de conhecimento, que é considerado mais elevado que a percepção sensorial, é explicado a partir do conceito de memória, que é utilizado em um sentido amplo, sendo atribuído a ela toda forma de conhecimento. Assim, esse conhecimento está a disposição para ser descoberto quando for necessário (STEAD, 1999).

A partir disso, Santo Agostinho acredita que o erro está em querer ver na sensação a expressão de uma verdade exterior ao indivíduo (PESSANHA, 1999). Ao desvalorizar os conhecimentos provenientes dos sentidos, ele se aproxima da teoria da reminiscência platônica, já que Platão também os considera como sendo imperfeitos, defendendo que o verdadeiro conhecimento é uma recordação do que se contemplou no mundo inteligível. Como Santo Agostinho não pode aceitar a preexistência da alma, por ser cristão, ele defende que o conhecimento não é lembrado, mas sim iluminado pela luz divina.

A posição platônica, portanto, “foi superada por Santo Agostinho com a sua doutrina da Iluminação” (NUNES, 1978, p. 219). A Teoria da Iluminação Divina é apresentada por Santo Agostinho como ação direta de Deus na mente humana, de modo que o homem possa chegar ao verdadeiro conhecimento, sendo que é essa luz divina que possibilita ao homem encontrar Deus e alcançar a felicidade.

O que é verdadeiro, para Santo Agostinho, é previamente iluminado pela luz divina, ou seja, existe uma luz proveniente de Deus que atua a todo momento, possibilitando o conhecimento das verdades eternas, pois essas verdades só se tornam inteligíveis quando são iluminadas por essa luz divina (PESSANHA, 1999).

Dessa maneira, o homem só aprende em seu interior quando recorre a Deus, ou seja, quando confere o que lhe chega por meio dos sentidos com a verdade apresentada por Deus à sua mente, sendo que seu entendimento se dá com o auxílio da iluminação que recebeu (NUNES, 1978).

A verdade é apresentada por Santo Agostinho como algo que transcende ao homem, mas que pode ser conhecida por ele pela sua inteligência, pois ele a abriga dentro de si, o que lhe garante a possibilidade de conhecer o imutável.

Apesar de a contemplação ser considerada atividade humana, ela só é possível quando Deus fornece o material necessário para que ela ocorra, já que o verdadeiro conhecimento provém de fonte divina, eterna e imutável, e não humana, cabendo ao homem somente o papel de descobrir essas verdades em seu interior (RUBANO, MOROZ, 2001).

Por isso, para que possa chegar a esse bem maior, é preciso que o homem tenha vontade, pois ela tem papel indispensável na educação agostiniana. No entanto, somente a vontade não é suficiente, pois para Santo Agostinho o homem também precisa do auxílio e da graça provenientes de Deus. Desse modo, não basta ao homem querer, é preciso também poder. A graça é necessária para que o homem lute de maneira eficaz contra a concupiscência e seja merecedor diante de Deus (GILSON, 2007).

Neste processo, para descobrir as verdades divinas que se encontravam presentes nele, o homem precisava voltar-se ao seu interior, pois com Deus “comunica-se através das vias internas da alma” (CAPORALINI, 2007, p. 44).

Por ser uma busca interior que o homem realiza, visando alcançar o verdadeiro conhecimento e contemplar Deus, a caminhada educativa proposta por Santo Agostinho pode ser considerada também auto-educação. A ascensão a Deus é um processo auto-educativo de crescimento interior, que é dirigido pelo indivíduo, de acordo com sua vontade e sua racionalidade, de modo que ele lute contra o pecado guiado por sua razão (CAMBI, 1999).

A partir desta configuração, a educação agostiniana, com notável influência platônica, foi entendida como uma caminhada de purificação moral e exercitação intelectual, com a qual o aluno vai, nos dizeres de Santo Agostinho identificando-se com a Sabedoria, Bondade, Beleza e Felicidade supremas (PEREIRA MELO, 2002).

Para que o homem tenha condições de alcançar o conhecimento, é preciso que ele esteja preparado, ou seja, seu corpo deve estar submetido à sua alma, pois a exterioridade aparece como um impedimento na caminhada auto-educativa. Para estar apto a receber a iluminação proveniente de Deus, Santo Agostinho alerta para que o homem se isente do que o leva a uma vida de pecado, ou seja, das coisas materiais, que lhe proporcionam falsos conhecimentos e se volte para sua própria interioridade, de modo que ali, em sua alma, possa encontrar o que procura, a saber, o próprio Deus, que é a fonte do verdadeiro conhecimento:

Faze, Pai, que eu te procure, mas livra-me do erro. Nenhuma outra coisa, além de ti, se apresente a mim, que te estou procurando. Se nada mais desejo senão a ti, Pai, então eu te encontro logo. Mas se houver em mim desejo de algo supérfluo, limpame e torna-me apto a ver-te (AGOSTINHO, 1998, p. 20).

A partir daí, conforme José Joaquim Pereira Melo (2002), Santo Agostinho apresenta a educação como uma peregrinação do homem, na qual o “homem exterior”, voltado aos bens materiais, mutáveis e mortais, cede lugar ao “homem interior”, ligado aos bens espirituais, imutáveis e imortais:

O homem exterior muda – seja pelo progredir do homem interior, seja por sua própria debilidade. No primeiro caso, será para se transformar inteiramente para melhor, até vir o som da trombeta final quando reencontrará sua integridade. Nunca mais se corromperá nem prejudicará os outros. No segundo caso, cairá no plano das mais corruptíveis das belezas, isto é, nos planos dos castigos (AGOSTINHO, 1992, p. 111, 112)

Para tanto, ele precisa se distanciar das coisas exteriores e se voltar para sua interioridade, pois é somente ali, em sua alma, que ele pode chegar ao verdadeiro conhecimento e alcançar a verdadeira felicidade.

A alma humana, porém, não adere ao corpo, e pela racionalidade e a inteligência, potências superiores ao sentido corporal, é superior ao corpo, dele tende a se desligar por sua potencialidade, e se dirige mais aos bens interiores do espírito [...] Aconselha-se à alma não se apegar aos sentidos além do absolutamente necessário. E libertando-se das impressões sensoriais, volte-se para si mesma, renascendo para Deus. Isto significa despir-se do homem velho e se revestir do homem novo. Precisa começar por aí, porque abandonou a lei de Deus (AGOSTINHO, 1997, p. 130).

A alma agostiniana aspira a um conhecimento de Deus, a partir do qual possa se expandir em uma irradiação de felicidade. A aspiração por essa felicidade é justificada por Santo Agostinho como resultado da insatisfação do homem consigo mesmo e de sua busca por uma melhora pessoal, motivado por sua alma, que se encontra inquieta (PEREIRA MELO, 2002).

A educação proposta por Santo Agostinho, portanto, é caracterizada por uma busca interior do homem pela Verdade, o que lhe dá condições de sair do estado de decadência em que se encontra. Entretanto, apesar de ser Deus quem transmite esses conhecimentos ao homem, ganha destaque a importância que Santo Agostinho atribui ao mestre, já que é ele

quem estimula seus discípulos a se voltarem para seu interior, criando assim condições para que eles possam chegar ao verdadeiro conhecimento.

O papel do mestre

Em suas reflexões em *De Magistro*, Santo Agostinho afirma que as coisas não podem ser aprendidas pelas palavras que as denominam. Ele considera que as palavras são signos e têm valor limitado, pois elas não mostram ao homem as coisas para que sejam conhecidas, mas possibilitam que ele recorde algum conhecimento que já possui ou o estimula a procurar conhecê-las.

Para ele, de acordo com Gilson (2006), as palavras ensinam somente palavras e quem apresenta alguma coisa aos sentidos ou à mente é que ensina realmente, pois é por meio deles que percebemos as coisas. Quando uma pessoa não vê a coisa de que se fala, pode ou não acreditar nas palavras. Já quando ela vê o que está sendo afirmado, ela aprende, mas esse aprendizado não se dá por meio das palavras, mas sim das próprias coisas que atingem seus sentidos. Com relação aos conhecimentos inteligíveis, que não se dão pelos sentidos, Santo Agostinho acredita que o indivíduo não os conhece por meio das palavras, mas pela contemplação que realiza do que Deus revelou pela iluminação divina, de modo que as palavras o capacita a enxergar em seu interior.

Tendo-se em conta que, para Santo Agostinho, os conhecimentos encontram-se na alma do homem, o discípulo não chega a verdade por meio das palavras que são ditas por seus mestres, mas sim por uma contemplação que realiza da verdade interior, que é possibilitada por Deus. O papel das palavras, dessa maneira, não é ensinar, mas trazer à lembrança do homem alguma experiência prévia e oferecer meios para que ele enxergue o conhecimento que já se encontra em seu interior:

Mas também aqui nosso interlocutor conhece o que eu digo pela sua própria contemplação, e não mediante minhas palavras, posto que ele também veja por si a mesma coisa com olhos interiores e simples. Portanto, nem sequer a este, que vê as coisas na verdade, ensino algo dizendo-lhe a verdade, uma vez que não aprende pelas minhas palavras, mas pelas próprias coisas que Deus a ele revela em seu interior; e ele, interrogado sobre elas, sem mais, poderia responder (AGOSTINHO, 2008, p. 403).

Na visão agostiniana, o mestre não transmite o que sabe aos discípulos, mas tem o papel de estimulá-los e os provocar para que se voltem para seu interior:

Quanto às coisas que compreendemos, não consultamos a voz de quem fala, que é exterior, mas a verdade que dentro de nós reside, em nossa mente, estimulados talvez pelas palavras a consultá-la. Quem é consultado ensina em verdade, e este é o Cristo que habita, como foi dito, no homem interior, isto é, a virtude única de Deus e a eterna Sabedoria, que toda alma racional consulta, mas que se revela ao homem na medida de sua própria boa ou má vontade (AGOSTINHO, 2008, p. 401).

Santo Agostinho afirma que, quando os discípulos escutam as palavras dos mestres, voltam-se para seu interior e aprendem. Como não há tempo entre a audição e a cognição, eles acreditam que aprendem em função da fala do mestre exterior. Entretanto, mestre e discípulo encontram-se na condição de ensinado, já que o verdadeiro mestre é a Verdade, comum a ambos que, ao instruí-los igualmente, faz com que concordem (GILSON, 2006).

Dessa maneira, para Santo Agostinho, Cristo é o único Mestre da Verdade:

[...] não chame ninguém de mestre na terra, pois o verdadeiro e único Mestre de todos está no céu. E o que há nos céus, no-lo ensinará Aquele que, por meio dos homens, também nos admoesta com sinais exteriores, para que, voltados para Ele interiormente, sejamos instruídos (AGOSTINHO, 2008, p. 409).

Mesmo que para Santo Agostinho o verdadeiro mestre seja o Mestre Interior – Deus -, o mestre terreno tem um papel importante, pois favorece a ação divina e estimula seus discípulos a se voltarem para seu interior e ali buscar o conhecimento.

Considerações Finais

Apesar de considerar que o homem, para ser um ser completo, deve estar constituído de um corpo unido a uma alma, Santo Agostinho atribui à alma maior importância, tendo em vista a união dela com as verdades divinas. Neste sentido, o corpo é apresentado por ele como o responsável pela fraqueza do homem, pois está sujeito às tentações do mundo. Dessa maneira, quando o homem se deixa levar pela sensibilidade de seu corpo, não consegue sair do estado de decadência em que se encontra, pois deixa de procurar o que lhe garantiria a verdadeira felicidade. Por isso, o objetivo do homem deve ser conhecer a Deus, e para tanto

ele deve se voltar para seu interior, pois é na alma humana que a Verdade pode ser encontrada, tendo sido ali colocada graças a Iluminação Divina.

Para que tenha condições de receber a iluminação divina, é preciso que o homem esteja preparado, ou seja, seu corpo deve estar submetido à sua alma, já que a materialidade aparece como um empecilho na caminhada auto-educativa. Portanto, a educação é apresentada por Santo Agostinho como uma peregrinação do homem exterior ao homem interior, sendo que a partir dessa transformação o homem pode chegar à contemplação de Deus e, em consequência, desfrutar da felicidade eterna.

Como é caracterizada por um processo de interiorização, a educação agostiniana vê em Cristo o Mestre da Verdade, pois é ele quem verdadeiramente ensina. O mestre terreno, nesse processo, tem o papel de estimular, através de suas palavras, seus discípulos a se voltarem para seu interior, para que ali, em sua alma, possam encontrar o conhecimento que já possuem de modo infuso, graças a iluminação de Deus.

Ao estudar as propostas educativas de Santo Agostinho, são criadas condições para uma maior compreensão do fenômeno educativo que marcou o homem cristão desde os primeiros séculos até a atualidade, visto o pensar agostiniano ainda ser presente no magistério da Igreja. Discussões, nesse sentido, possibilitam uma visão mais crítica da educação, mesmo nos dias de hoje, a medida que viabilizam avaliações, de modo a relacioná-la às propostas anteriores, identificando o que foi mantido, eliminado e alterado até hoje.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1994.

AGOSTINHO. **A Verdadeira Religião**. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

AGOSTINHO. **O livre-arbítrio**. São Paulo: Paulus, 1995.

AGOSTINHO. O Mestre. In: _____. **Confissões**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

AGOSTINHO. **Sobre a potencialidade da alma**. Petrópolis: Vozes, 1997.

AGOSTINHO. **Solilóquios & A vida feliz**. São Paulo: Paulus, 1998.

BOEHNER, P.; GILSON, E. Santo Agostinho, o mestre do Ocidente. In: _____. **História da Filosofia Cristã: Desde as origens até Nicolau de Cusa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CAMBI, F. Santo Agostinho: O mestre da pedagogia cristã. In: _____. **História da Pedagogia**. 3. ed. São Paulo: UNESP, 1999.

CAPORALINI, J. B. **Reflexões sobre O Essencial de Santo Agostinho**. Maringá: Chicletec, 2007.

GILSON, E. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. O platonismo latino do século IV. In: _____. **A Filosofia na Idade Média**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

NUNES, R. A. C. Santo Agostinho e a educação. In: _____. **História da Educação na Antiguidade Cristã**. São Paulo: EPU, 1978.

PEREIRA MELO, J. J. A educação em Santo Agostinho. In: OLIVEIRA, T. (Org.). **Luzes sobre a Idade Média**. Maringá: EDUEM, 2002.

PESSANHA, J. A. M. Vida e Obra. In: AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).

RUBANO, D. R.; MOROZ, M. O conhecimento como ato da iluminação divina: Santo Agostinho. In: ANDERY, M. A. et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. 10. ed. Rio de Janeiro: Garamond; São Paulo: EDUC, 2001.

STEAD, C. Agostinho. In: _____. **A filosofia na Antiguidade cristã**. São Paulo: Paulus, 1999.